



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

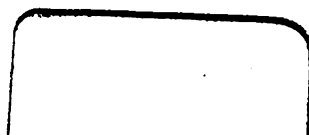
We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

Port 6181.41



Ramos-Cochê

88

À ILHA DA MADEIRA



LISBOA
EMPRESA DO «OCCIDENTE»
1898

Port 6181.41

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN R. STETSON, JR.

SE. 25 1922



À ILHA DA MADEIRA

Ao nauta que do mar tempestuoso
Vem dos baldões asperrimos cansado,
Tu te mostras, ó ilha feiticeira,
Como, depois de somno fadigoso
De horriveis pezadellos,
Um dia delicioso,
Todo alegria e festa e raios bellos,
Um claro dia pelo sol doirado.

Se isto é hoje d'est'arte,
O que seria d'antes,
Quando te desvendaste a vez primeira
Da nevoa e do mysterio em grande parte
À vista dos pasmados navegantes !
Que, não bastando ainda estar perdida
No meio do oceano,
Por seculos dos homens escondida
Em recondito arcano,
Tu, qual donzella candida e medrosa,
Que do banho sahisse,
E a nudez, vergonhosa,
De alvo cendal cobrisse,
Em manto de neblina te embuçavas :

E até do mar, que ás plantas te gemia,
 E até do proprio sol, que te queria,
 A virgem formosura recatavas.

Porém chegou o dia
 Pelo Eterno marcado,
 Em que, apesar d'esquiva,
 Te rendeste captiva
 Do sol da nossa gloria á viva chamma,
 Ao generoso brado
 Do grande Henrique da perpetua fama,
 Quando, assim como do Sinai o monte,
 Sagres de raios coroou a fronte,
 E, desmedido pharo,
 Ao marinheiro ignaro
 Fez dissipar as trevas do horizonte.

Pandas as brancas velas,
 Atravessadas pela cruz de Christo,
 Eis no liquido argento
 As fortes, portuguezas caravellas
 Correm ao sopro do inconstante vento.
 Assim na edade-media a Europa ha visto,
 Assignalados por egual emblema,
 Passarem os guerreiros
 Á Asia, para em rabido combate
 De annos e annos inteiros
 Dar ao sagrado tumulo o resgate.
 É o mesmo o nosso thema:
 A fé; tambem o oriente procuramos,
 E, como elles, tambem a amiga espada,
 A par da cruz, intrepidos levamos
 A uma outra cruzada.

Ruem os furacões; troam os ares;
 É plumbeo o céu; das lobregas entranhas,
 Quaes liquidas montanhas,
 Volvem-se em desespero os torvos mares.
 Pelas ondas corridos,
 Os pequenos baixeis tragam a morte,
 Já quasi submergidos;
 Porém não desanima a gente forte.

Invoca a soberana potestade,
Que a protege de ha muito, e a praia ignota,
Na escura cerração da tempestade,
Compadecida, lhe dirige a rota.

Alçando as mãos a Deus, inda molhadas
Das ondas salitrosas,
A maritima turba lh'agradece
As terras deparadas,
As vidas tanto a pique assim poupadas,
Com palavras piedosas,
E murmura esta prece :

Senhor, se, como outrora do teu povo
Os passos pelo ermo encaminhaste,
A este porto santo nos guiaste,
Dá-nos, dá-nos ainda um signal novo,
Outro maior signal de teus favores ;
Teus filhos tambem somos ;
Ás asperas fadigas,
Ao bravo pégo, ás armas inimigas
Por ti só, pela patria nos expomos ;
Faze que esta primeira descoberta,
Que o dom d'esta ilha esteril e deserta
Seja seguido d'outros dons melhores.

Dizem; abaixam da cerulea altura
Os olhos; e, ao baixal-os, de repente
Vêem longe sahir de nevoa escura,
Que mais e mais se torna transparente,
Uma visão da phantazia ardente ?
De um monte a sobranceira catadura ?

Eia; ao mar; o Senhor nos presta ouvidos ;
Temos fé que é verdade essa apparencia,
Não devaneio apenas dos sentidos.
É da sua clemencia
Quem sabe se o signal; ao mar corramos.
Bradam; soltam ao vento a larga vela;

Já chegam; já de todo a alva neblina
 Aqui, ali, se esvae ou se adelgaça,
 E mostra, meio occultos, com mais graça,
 Flores, verdura, emmaranhados ramos,
 Uma terra tão bella,
 Que mais semelha apparição divina,
 Ou cahida do céu fulgida estrella.

Assim aos denodados portuguezes
 Appareceste, ó ilha da Madeira,¹
 Para os avigoraes nos revezes;
 Assim aos olhos de Noé outrora,
 Depois das grandes aguas,
 Appareceu o arco da alliança,
 Entre elle e Deus, o iris da bonança,
 Que do diluvio o confortou nas maguas.

Sim, tu foste a esperança,
 Que Deus, á nossa empreza favoravel,
 Nos amostrou para nos dar alentos,
 E, atravez do lutar dos elementos,
 Cumprimos nosso fado incomparavel.
 D'aqui, cheios de arrojo, nós partimos,
 E d'Asia, e d'Africa e do Novo Mundo
 Em grande parte as plagas descobrimos,
 E pelo pégo fundo
 Em roda o globo co'os baixeis medimos.

Como és bella! Da Grecia conhecida,
 Tu serias de Venus a morada,
 Ou fóra, ao ver-te assim do mar sahida,
 A nascença de Venus fabulada.
 Ficara a tēla dos Jardins d'Armida,
 Sendo feita por ti, mais bem pintada,
 E a descripção da Ilha dos Amores
 Realçariam mais os teus primores.

¹ Só por conveniencia poetica se tornou aqui immediatamente successivo ao descobrimento da ilha de Porto Santo o da ilha da Madeira, quando, segundo a opinião mais assente, foram distanciados um do outro pelo espaço de alguns mezes, se não de um anno.

Todos, á uma, os povos te namoram;
Mas a todos te mostras insensível.
Embalde os filhos de Albion te exoram,
Te chamam Flor do Oceano immarcescível.
Nossos antigos os primeiros foram;
Por outrem nos deixar não te é possível.
Do céu, dos mares e de Deus á face
De nós contigo se firmou o enlace.

Por seres tão fiel, tão portugueza
Mais ainda te estimo, ilha formosa;
Mas por laço diverso anda a ti presa
Minh'alma: da existencia trabalhosa
Com risos esmaltaste-me a tristeza,
Na quadra, embora amarga, descuidosa
Da passada, inexperta juventude,
Quando uns dias viver em ti eu pude.

E agora que de ti me tem distante
O lugar e dos annos a carreira,
Phantaziu-te ainda mais brilhante,
Vejo-te mais ainda feiticeira,
Que me recorda teu florir constante
A minha primavera passageira,
A minha tão querida mocidade,
E és para mim um echo, uma saudade.

Lisboa -- 1898.



